

Ética e Literatura: um diálogo com o ensino superior

M. A. F. BASEIO¹; V. F. BARRETO²

¹ Professora Titular do Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade de Santo Amaro (UNISA), com Doutorado em Letras pela Universidade de São Paulo (USP)

² Bacharel em Serviço Social pela Universidade Santo Amaro (UNISA) e mestrando em Ciências Humanas na Universidade Santo Amaro (UNISA), sob a orientação da Professora Dra. Maria Auxiliadora Fontana Baseio e Pesquisador do grupo Arte, Cultura e Imaginário do programa de mestrado da Universidade Santo Amaro (UNISA)

E-mail - mbaseio@uol.com.br ; vanbarreto@yahoo.com.br

COMO CITAR O ARTIGO:

BASEIO, M. A. F. e BARRETO V. F. ÉTICA E LITERATURA: um diálogo com o ensino superior. **Unifal em Pesquisa**, URL: www.italo.com.br/pesquisa. São Paulo SP, v.6, n.4, p. 150-164,out/2016.

RESUMO

Este artigo objetiva propor reflexões sobre as contribuições da literatura para discussões sobre a ética no ensino superior, como uma proposta interdisciplinar. Entendemos que vivemos em uma sociedade complexa e altamente competitiva, marcada por questões que reclamam por atitudes éticas. Os cursos de Administração, nosso foco neste estudo, demandam uma formação para atuação ética e responsável na sociedade por parte dos formandos e futuros profissionais. Nesse sentido, apostamos em uma formação interdisciplinar e aberta a partir dos possíveis diálogos propiciados pela literatura. Para compor nossa base de reflexão, utilizaremos como referenciais teóricos Edgar Morin e Antônio Cândido.

Palavras-chave: literatura; ética; ensino superior; interdisciplinaridade

ABSTRACT

This article aims to propose reflections on literature's contributions to discussions on ethics in higher education, as an interdisciplinary proposal. We understand that we live in a complex and highly competitive society, guided by questions that demand for ethical attitudes. Our focus in this study is on Business Courses, which require an education for ethical action and responsibility by the students and future professionals. Therefore, we are investing in an interdisciplinary and open academic education based on discussions about literature. To compose our theoretical basis, we used Edgar Morin and Antonio Candido as referrals.

Keywords: literature; ethics; higher education; interdisciplinarity

1 INTRODUÇÃO

O valor ético do esforço humano é, pois, variável de acordo com seu alcance em face da comunidade.

(Antonio Lopes de Sá)

Vivemos em um mundo complexo e altamente competitivo cuja carência da ética se faz notar com frequência, tornando-se premente a reflexão. Os cursos de Administração trazem vozes relevantes de profissionais que demandam uma atuação ética e responsável na sociedade. Nesse sentido, justifica-se nossa preocupação com a inserção da temática não apenas no corpo curricular, mas também de seu tratamento interdisciplinar em sala de aula.

Podemos considerar que as pessoas são transformadas e moldadas nas organizações de que fazem parte, tornando-se objeto de exploração do capital e do mercado, como salienta Paulo Freire:

Se as estruturas econômicas, na verdade, me dominam de maneira tão senhorial, se, moldando meu pensar, me fazem objeto dócil de sua força, como explicar a luta política, mas, sobretudo, como fazê-la e em nome de quê? Para mim, em nome da ética, obviamente, não da ética do mercado, mas da ética universal do ser humano, para mim, em nome da necessária transformação da sociedade de que decorra a superação das injustiças desumanizantes. E tudo isso porque, condicionado pelas estruturas econômicas, não sou, porém, por elas determinado (FREIRE, 2015, p.65).

O educador brasileiro evidencia as mazelas estruturais de uma organização a serviço do capital que tenta moldar as pessoas, porém estas podem determinar se aquiescem esse interesse corporativo ou não, pois podem, por meio da ética, construir uma necessária e eficiente humanização, cuja base desperte a solidariedade. Cabe ao educador oferecer condições para que o aluno trabalhe não apenas a favor do

desenvolvimento da empresa, mas, sobretudo, dos seres humanos que ali interagem e estendem suas ações e atitudes ao tecido social. E, segundo Morin, ainda segue além: à espécie humana. O referido autor defende a ideia de uma antropoética.

Desde então, a ética propriamente humana, ou seja, a antropoética, deve ser considerada como a ética de três termos indivíduo/sociedade/espécie, de onde emerge nossa consciência e nosso espírito propriamente humano. Essa é a base para ensinar a ética do futuro. (MORIN, 2003, p.106)

No cenário da educação de nível superior, são raros os cursos de Administração em que se promovam discussões e debates que proporcionem reflexões dessa magnitude em sala de aula.

2 O ENSINO DA ÉTICA POR MEIO DA LITERATURA

O conceito de ética, no prisma de Edgar Morin (2011, p.21), como enunciamos, revela-se como "um ato individual de religação; religação com um outro, religação com uma comunidade, religação com uma sociedade e, no limite, religação com a espécie humana."

A necessidade de reflexão sobre a relação do sujeito com todas essas instâncias que o envolvem implica discussões complexas no âmbito do ensino superior.

Notadamente, a proposição em pauta não está consubstanciada em apenas reler autores renomados sobre o tema, mas promover um olhar diferenciado e interdisciplinar a partir do trabalho com a leitura literária em sala de aula, considerando a potencialidade desse exercício em apresentar múltiplas possibilidades de compreensão sobre a relevante temática a partir do texto ficcional.

O despertar para a leitura de textos literários constitui-se fator diferencial para um trabalho interdisciplinar em sala de aula, porque a literatura é rica, eclética, capaz de sensibilizar e transformar pessoas. Quando utilizamos a literatura como um discurso e um recurso para sensibilizar alunos acerca das relações de sentido com o que aprendem disciplinarmente, percebem-se inúmeras possibilidades de construção de uma proposta humanizadora na educação.

Para Edgar Morin (2014, p.45), “as artes levam-nos à dimensão estética da existência- conforme o adágio que diz que a natureza imita a obra de arte – elas nos ensinam a ver o mundo esteticamente”, trazendo “um pensamento profundo sobre a condição humana”.

Cumprir perceber que a literatura constitui-se como fenômeno de linguagem, como ato simbólico capaz de esconder, em suas entrelinhas, descobertas interessantes sobre o humano e suas experiências de vida. Isso instiga a imaginação e a curiosidade do aluno, oferecendo novas perspectivas de entendimento dos fatos e abrindo caminho para mudanças a partir do despertar da qualidade de sentimento.

Um educador que se preocupa com a inserção da literatura na vida de seus alunos propiciará inegavelmente condições para uma formação humanizadora, considerando que a educação pode ser transformadora em nossa sociedade, como preconiza Paulo Freire: “Se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2015, p. 77).

Por meio da educação, espera-se que os alunos reflitam sobre a necessidade de significativas mudanças nos diversos setores em que atuam. Compreende-se que a lógica do mercado atual não é a mesma do início do século passado, em que as empresas atuavam por meio de sistemas fechados. A globalização entre outros fatores provocou fortes

alterações nas relações que envolvem as organizações, a sociedade, os indivíduos e a espécie humana.

Por conseguinte, torna-se válido e pertinente refletirmos sobre a ética na perspectiva aqui proposta. É fato que esse tema tem apresentado olhares diversos, seja na sua relação com a moral e suas múltiplas manifestações nas relações humanas, seja na sua ligação com a responsabilidade social.

É inegável que, em sala de aula, torna-se relevante refletir sobre as diferentes conceituações acerca da ética e alertar para sua importância em nossos dias, bem como para as implicações decorrentes da ausência desse tema nos vários espaços da nossa sociedade, como a política, a escola, o local de trabalho, o núcleo familiar, o meio social em que o sujeito esteja inserido – bairro, ONGs, locais de diversão – entre outros.

É possível depreender que há várias éticas, dependendo do referencial histórico e social a se tomar para a compreensão. Nossa proposta é trabalhar esse tema, não de maneira restrita ao que é certo ou errado – preceito da moral -, mas, entre outros olhares, destacar a visão de Adolfo Vásquez que reitera:

Certamente, muitas éticas tradicionais partem da idéia de que a missão do teórico, neste campo, é dizer aos homens o que devem fazer, ditando-lhes as normas ou princípios pelos quais pautar seu comportamento. O ético transforma-se assim numa espécie de legislador do comportamento moral dos indivíduos ou da comunidade. Mas a função fundamental da ética é a mesma de toda teoria: explicar, esclarecer ou investigar uma determinada realidade, elaborando os conceitos correspondentes. Por outro lado, a realidade moral varia historicamente e, com ela, variam os seus princípios e as suas normas. (VÁSQUEZ, 2011, p.20)

Essa proposição deve estar atrelada à de Edgar Morin, como enunciamos, ampliando os raios de compreensão para o indivíduo, a comunidade, a sociedade e a espécie humana.

Nesse sentido, retomamos nossa intenção de provocar reflexões sobre a ética a partir de seus profícuos diálogos com a literatura.

Cumprido destacar que o acesso à literatura constitui-se como um direito do aluno e também do cidadão, podendo contribuir para uma formação reflexiva e crítica.

A literatura é defendida por Antonio Cândido como um direito humano e notadamente diz respeito à liberdade de expressão, de pensamento e à possibilidade de igualdade entre todos que convivem em sociedade.

A princípio, entende-se que os alunos do ensino superior tenham familiaridade com tais preceitos, porém criar situações de comparação e similaridade entre a realidade vivida e a criada pela literatura pode se fazer possibilidade para crescimento profissional e intelectual, contribuindo para que os discentes tenham acesso a um direito crucial em nossos dias e que certamente causa impactos na vida das pessoas, que é o direito à literatura, tal como propõe Antônio Cândido (2011, p.193):

Portanto, a luta pelos direitos humanos abrange a luta por um estado de coisa em que todos possam ter acesso aos diferentes níveis da cultura. A distinção entre cultura popular e cultura erudita não deve servir para justificar e manter uma separação iníqua, como se do ponto de vista cultural a sociedade fosse dividida em esferas incomunicáveis, dando lugar a dois tipos incomunicáveis de fruidores. Uma sociedade justa pressupõe o respeito dos direitos humanos, e a fruição da arte e da literatura em todas as modalidades e em todos os níveis é um direito inalienável.(grifo nosso)

O referido autor esclarece que a arte literária como ato simbólico desperta a curiosidade e a imaginação, abrindo horizontes, criando novas cosmovisões capazes de encaminhar mudanças. A inserção da literatura na formação dos alunos do ensino superior propicia condições a um desenvolvimento humanizado do indivíduo e, por consequência, da sociedade e da espécie.

Propomos, à guisa de exemplificação, o debate sobre a ética a partir de uma leitura analítica da obra *O Cortiço* (1890), de Aluisio Azevedo, expressão máxima do Naturalismo brasileiro. Sabe-se que o Naturalismo trazia, em seu projeto estético, a denúncia de situações sociais marginalizantes e desumanizadoras.

Esse enredo literário apresenta como personagem principal João Romão, português que pode ser encarado como metáfora do capitalismo selvagem, pois tem como principal objetivo enriquecer a qualquer custo. Ambicioso ao extremo, não mede esforços, sacrificando até a si mesmo. Veste-se mal. Dorme no mesmo balcão em que trabalha. Das verduras de sua horta, come as piores: o resto vende.

João Romão era um português que dos 13 aos 25 anos trabalhou numa venda, até que seu patrão voltou a Portugal e deixou-lhe o estabelecimento. A partir de então se entregou ainda mais ao trabalho com o objetivo de enriquecer e, nesse intuito, não poupava esforços, nem relações. Ética não era atitude referenciada por ele. Enganou e furtou dinheiro de sua companheira Bertoleza. Ao construir a habitação coletiva, roubou da vizinhança os materiais de construção; como gestor de negócios, seu objetivo jamais norteou o bem estar de seus funcionários ou clientes; ao contrário, em quaisquer ocasiões, objetivava vantagens para si em detrimento do outro.

Porém, ao longo do tempo, sua ambição alcançou outro patamar, queria prestígio e reconhecimento social, não bastava mais a acumulação do capital. E, imbuído da ganância desenfreada, alterou seu comportamento e padrão de vestimentas. Arquetou com seu rival – Sr. Miranda – um casamento arranjado com sua filha e, pago regiamente, pois, por meio desse matrimônio, acreditava alcançar projeção social e prestígio.

Dessa forma, para conseguir seu intento e como Bertoleza tornara-se um problema, João Romão a denunciou como escrava fugitiva, porém esta, não aceitando a situação, suicidou-se – João Romão estava livre, porém sem qualquer comoção pela antiga companheira – afinal, para este personagem, a acumulação do capital, atrelado ao status social era o que de fato importava.

A partir dessa narrativa ficcional, torna-se possível refletir sobre a temática da ética. Ao discutir essa obra em sala de aula, o professor pode correlacionar o ambiente e a cultura de *O Cortiço* com o mundo corporativo. A mudança de comportamento de João Romão, à medida que passa a detentor do poder econômico que lhe confere *status*, tanto quanto explora e expropria o outro, tangencia a temática da ética - foco de nossa reflexão. A atitude da personagem e seus desdobramentos na narrativa levam-nos a refletir sobre a necessidade de o empreendedor apresentar comprometimento com seus funcionários, clientes e sociedade, criando um novo modo de gestão. É necessário que os empresários tenham outro olhar, como afirma Soares (2002, p. 138):

A construção e, principalmente, a gestão de um novo modelo, com foco bem definido, que promova a inclusão dos que ainda não foram alcançados pelas condições socioeconômicas da cidadania, apresenta-se, assim, como um propósito de alta relevância que pode alavancar os padrões vigentes de

prosperidade da nação. Estamos seguros de que a mais rápida inclusão social das populações marginalizadas ainda não ocorre no Brasil por ainda não termos tentado, com determinação, soluções mais audaciosas, que quebram paradigmas, mas que podem, por isso mesmo, superar heranças históricas perversas.

Esse autor salienta ser urgente o olhar ético para aqueles que estão à margem das estruturas socioeconômicas e da plena cidadania, pois as corporações devem e podem oferecer oportunidades para os excluídos.

Por meio da análise crítica e do debate em sala de aula acerca da obra *O Cortiço*, permite-se compreender que a administração tem sua relevância social e há impactos dos péssimos administradores nas organizações, na sociedade e na humanidade como espécie. Nessa perspectiva, salienta Maximiliano (2012, p.7): “[...] organizações bem administradas são importantes por causa do impacto sobre a qualidade de vida da sociedade.” Evidencia-se que debater questões de ética nos cursos da Administração e sua inter-relação com as organizações demonstra a responsabilidade social das empresas e administradores em suas práticas diárias.

A antropoética, conforme assinala Edgar Morin (2003), apresenta, em seu bojo, a autoética, trata-se dos indivíduos tomarem consciência de seus atos, atitudes, ações e decisões – “respeitar no outro, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade quanto a si mesmo” (MORIN, 2003, p.106).

A obra *O Cortiço* revela uma sociedade em transição e marginalizada. A partir dessa visão, tomada em seu caráter crítico, evidencia-se, conforme mostra Edgar Morin (2003), a necessidade da antropoética, de as pessoas voltarem o olhar para a ética da solidariedade, da compreensão e do respeito pelo gênero humano, ou seja, para a convivência em sociedade, é necessário que cada pessoa

tenha consciência de sua responsabilidade individual e como esta impacta na vida do outro. João Romão, como empreendedor e empresário de sucesso na obra literária, demonstra o oposto desse processo de construção, seja pelo seu desejo desenfreado pela riqueza, seja pelo seu caráter duvidoso nas relações e indiferença pela situação de vida do outro. Essa denúncia, entre outras, constitui-se como intenção da arte literária realista-naturalista, a partir da qual se pode agenciar reflexões.

Quando a proposição é o diálogo entre ética e literatura no ensino superior, faz-se necessário apontar a profunda e complexa relação da academia com a sociedade, conforme reitera Edgar Morin (2014, p.82):

A Universidade deve adaptar-se à sociedade ou a sociedade é que deve adaptar-se à Universidade? Há complementaridade e antagonismo entre as duas missões: adaptar-se à sociedade e adaptar a sociedade à Universidade; uma remete à outra em um círculo que deve ser produtivo. Não se trata apenas de modernizar a cultura: trata-se também de “culturalizar” a modernidade. Aqui, reencontramos a missão transecular, em que a Universidade convoca a sociedade a adotar sua mensagem e suas normas: ela inocula na sociedade uma cultura que não foi feita para as formas provisórias ou efêmeras do *hic et nunc*, mas para ajudar os cidadãos a viverem seu destino *hic et nunc*; ela defende, ilustra e promove, no mundo social e político, valores intrínsecos à cultura universitária – a autonomia da consciência, a problematização (com a consequência de que a pesquisa deve ser sempre aberta e plural), o primado da verdade sobre a utilidade, a ética do conhecimento; donde essa vocação expressa pela dedicatória no frontispício da universidade de Heidelberg: À mente viva.”

Esse autor promove a discussão sobre a relação entre o ensino superior e a sociedade. De um lado, a universidade, com seus rituais, culturas e saberes; de outro, a coexistência em uma sociedade que se transforma a partir das necessidades humanas.

Dessa forma, humanizar a Administração nas organizações contemporâneas é mister de todo gestor que tenha interesse em salvaguardar a civilidade e o respeito ao ser humano. E para fazê-lo, é preciso formar pessoas com esse tipo de razão sensível.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação no nível superior mostra-se como um desafio quando se constata a necessidade de um trabalho interdisciplinar. Por meio dessa ação educacional transformadora que se configura como uma práxis, não há submissão das partes, pois o aluno deve ser visto e compreendido como um ser biopsicossocial, cujas experiências profissionais e de vida podem e devem contribuir tanto para colegas do grupo, como para o próprio professor. Trata-se de uma troca, que se bem trabalhada em suas nuances, transformará a aula em um processo dialético de construção do conhecimento, partilhado, motivado e sustentado em premissas de respeito e de responsabilidade por uma educação humanizadora no seio da qual se refletirá a ética.

Ao tratar sobre essa temática nos espaços acadêmicos e, em especial, na sala de aula, cabe ao educador traçar roteiros de compreensão que abarquem não apenas os aspectos teórico-científicos, mas também aqueles que tocam pela sensibilidade e pela emoção. Nesse sentido, a literatura como forma de conhecimento e de arte tem muito a contribuir.

A leitura literária em sala de aula, como proposta interdisciplinar, para discutir ética por meio de uma razão sensível constitui-se como profícuo caminho para transformação da qualidade de sentimento, de pensamento e de intervenção para o indivíduo, para a sociedade e, por consequência, para a humanidade.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antonio. **Vários Escritos**. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

MAXIMIANO, Antonio Cesar Amaru. **Teoria Geral da Administração: da revolução urbana à revolução digital**. São Paulo: Atlas, 2012.

MORIN, Edgar. **O Método 6: ética**. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2011.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2003.

_____. **A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. 21. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2014.

SÁ, Antônio Lopes de. **Ética profissional**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

SOARES, Rinaldo Campos. **Empresariedade & ética: o exercício da cidadania corporativa**. São Paulo: Atlas, 2002.

VÁSQUEZ, Adolfo Sánchez. **Ética**. 32.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.